

Níveis de representação fonológica e fonética: reintegracionismo e isolacionismo

Domingos Prieto

Publicado em Agália, 1 (Primavera 1985)

A paginação original da revista sinala-se [entre colchetes].

Propuxera-me nom volver a escrever mais ensaios teóricos sobre o reintegracionismo porque sei por experiência que este nom entra por teorias mas por praxe e por amor (praxe da nossa cultura no sentido amplo e profundo da palabra, e amor a esta mesma cultura, em substituição da ignorância e do auto-ódio engendrados por 5 séculos de colonialismo). Ademais eu som um neófito na matéria e polo tanto nom som o melhor indicado para este tipo de exercícos. Porém, nom podo resistir a tentaçom de escrever umhas linhas despois de ser nos jornais algunhas concepçons sobre o tema.

Existe a ideia que as duas escolas principais sobre a unificação do galego, a reintegracionista e a isolacionista, se opom porque a segunda tem em conta a realidade da língua mentres que a primeira esquece tal realidade. Vejamos pois em que pode consiste essa «realidade» e se ela é a única realidade.

ESTRUTURA E NORMA LINGÜÍSTICAS

Quando se fala dumha língua convém distinguir dous aspectos fundamentais: a estrutura e a norma.

A estrutura corresponde ao sistema lingüístico ou conjunto finito de elementos organizados segundo um conjunto finito de princípios. Para limitar-nos ao sistema sintáctico, diremos que, dados os elementos (palavras): *hei* (haver), *lhe*, *de*, *dar*, *um*, *boi*, *branco*, etc., e dados os princípios de organização sintáctica do galego-português (por exemplo o que di de colocar os pronomes críticos antes ou depois do verbo), obtemos umha oraçom própria do galego-português ('hei-lhe de dar um boi branco' (cantiga)) e esta oraçom distingue-se claramente da correspondente espanhola ou francesa.

Mas a palavra *língua* é abstracta e nom corresponde a nengumha entidade concreta, já que na realidade somente existem dialectos, idialectos, variantes, etc. Deste ponto de vista, pois, um 'realista' ou 'empiricista vulgar' (como se costuma chamar em filosofia) nunca poderá compreender nem [43] explicar a noçom de língua, porque esta nom corresponde a umha realidade aparente e superficial.

Para resolver este problema, a lingüística, o mesmo que a ciência moderna em geral, costuma distinguir entre estrutura geral e estruturas particulares. A estrutura geral é a compartida, por umha série de variantes dialectais, que, juntas, constituem umha língua. As estruturas particulares som as que correspondem a cada variante dialectal. Neste sentido a estrutura geral do galego é exactamente a mesma que a estrutura geral do português, do brasileiro, etc., e dizer que a língua galega é diferente da língua portuguesa é a mesma contradiçom que dizer que o português do Norte é umha língua diferente do português do Sul ou do português de além dos mares. Esta é a primeira realidade que cumpre ter em conta no momento de unificar umha língua; e esta realidade é, como vimos de dizer, abstracta e nom concreta como muitos crêm.

Umha realidade mais concreta é que todas as comunidades lingüísticas que compartilhem umha mesma estrutura geral, tendem à unificaçom arredor dessa estrutura geral e para isso tenhem que recorrer à *norma lingüística*, que vai consagrar certas variantes a expensas de outras. A norma lingüística é pois um elemento externo à estrutura, que funciona em forma de filtro que controla a estrutura excluindo certas variantes e aceitando outras.

Esta norma fica a miúdo imposta pola variante mais prestigiosa, que nas culturas actuais de transmissom escrita é a variante com mais tradiçom literária, a variante do ensino, etc. (quando as fronteiras dumha língua nom coincidem com as fronteiras políticas, podem coexistir diferentes variantes prestigiosas, como é o caso do espanhol, do neerlandês, do galego-português, etc.).

Estamos a falar aqui de umha situação normal, na que várias variantes dialectais que compartilhem umha mesma estrutura geral (língua) vivem em contacto lingüístico e cultural, e na que a norma lingüística somente afecta às estruturas particulares e nom à estrutura geral. Este é o caso das diferentes variantes andaluza, castelhana, etc. com relação ao espanhol castelhano.

Mas esta nom é a situação do galego, cuja estrutura geral é compartilhada pola família luso-brasileira, etc. e cuja norma lingüística e cultural lhe fica imposta polo espanhol-castelhano, que funciona como variante prestigiosa (ensino, administração, etc.). Aqui a norma nom afecta às variantes mas à estrutura geral do galego, excluindo-a em favor da estrutura geral do espanhol (*escuela, bueno, che digo*, etc. em lugar de *escola, bom, digo-che*, etc.). Assim, em lugar de umha transformação natural da língua, assistimos a umha deformação e degradação continua.

Mais grave ainda: numha cultura de transmissão escrita e audiovisual, a língua minoritária fica substituída em questão de poucos anos pola língua maioritária, e negar esta realidade é o mesmo que condenar o galego à morte.

A realidade da língua apresenta-se pois em vários níveis, e, segundo o nível em que um se situe, a realidade será diferente. Assim pois, dizer que o [44] galego é diferente do português é umha realidade tam grande como dizer que o galego de Ourense é diferente do galego da Corunha; e dizer que o galego (língua) é diferente do português (língua) é umha contradição como dizer que o português do Norte é umha língua diferente do português do Sul. O mesmo, dizer que as palavras *escuela, bueno*, etc. som palavras do galego actual é umha realidade como dizer que umha pessoa que tem a sarna está enferma; mas dizer que essas mesmas palavras fazem parte da estrutura (ou melhor dito: do dicionário) do galego, é umha contradição como dizer que a sarna é inerente à pessoa que sofre dela. Finalmente, dizer que o galego pode resistir ao espanhol numha cultura de transmissão oral é umha realidade confirmada por 5 séculos de história, mas dizer que o galego pode resistir ao espanhol numha cultura de transmissão escrita é umha contradição confirmada por outras línguas como o bretom, o galés, o frisom, etc.

FORMA ORAL E ESCRITA

Se a distinção entre vários níveis de abstracção é indispensável para compreendermos o funcionamento lingüístico na sua expressão oral, esta distinção nom é menos indispensável para compreendermos o seu funcionamento na expressão escrita.

Do mesmo jeito, se a distincção entre estrutura e norma era importante para compreendermos melhor o funcionamento da expressom oral, esta nom é menos importante para compreendermos melhor a expressom escrita.

Como toda comunicaçom, a escrita representa-se por meio de um código e este compom-se, na cultura ocidental, de um número de palavras (dicionário) e de um alfabeto (conjunto de símbolos gráficos). O rendimento dum sistema de comunicaçom mede-se pola sua capacidade em representar o número maior possível de palavras com o número menor possível de símbolos do alfabeto, e para conseguir este fim a representaçom gráfica tem que escolher o nível de abstracçom lingüístico mais adequado.

1) *As palavras.*

Cada dialecto e variante dialectal tem o seu próprio dicionário com o seu conjunto próprio de palavras; mas, como os diferentes dicionários das diferentes variantes dumha língua se recobrem parcialmente, podemos distinguir o dicionário geral (com as palavras comuns a todas as variantes) e os dicionários particulares a cada variante. Assim podemos fatar dum dicionário comum galego-luso-brasileiro, etc. e de dicionários particulares ao galego, ao português, etc. A tarefa do unificador aqui consistirá pois em normalizar primeiramente as formas comuns e, em segundo lugar, em privilegiar as formas particulares do galego que estejam mais conformes com a estrutura geral do galego-português.

2) *O alfabeto.*

Se o galego nom tivesse umha tradiçom escrita própria detrás, os símbolos gráficos poderiam ser escolhidos arbitrariamente sempre que nos puxé-[45]ssemos de acordo sobre as convençom que assegurem umha traduçom inequívoca com os elementos orais.

Mas este nom é o caso do galego, que tem umha grande tradiçom literária e umha longa historia lingüística; e assim como o espanhol nom escolheu arbitrariamente o símbolo gráfico // para representar o som lateral palatal –este símbolo nom representa somente o som lateral palatal mas tamém a sua origem, que, como se sabe, é geralmente *l + l* (*l dobrado* = *poll(um) > polo*), tampouco nós somos completamente livres para escolhermos arbitrariamente os símbolos. Voltendo ao //, como a outros muitos símbolos do galego actual, podemos dizer que a sua presença no galego representa umha interferência léxica –o som lateral palatal do galego-português nom provém de *l dobrado* mas de *l + y*, que a nossa tradiçom escrita representava graficamente por *ly* ou *lh*.

Os símbolos gráficos dumha língua fam polo tanto parte da sua tradição lingüístico-cultural com o mesmo título que umha bandeira fai parte da tradição sócio-político-cultural de umha nação, e neste sentido trocarmos os símbolos gráficos próprios da nossa tradição cultural polos símbolos gráficos da tradição cultural espanhola, é tam grave como trocarmos a bandeira galega pola bandeira espanhola.

Ainda fica por fazer umha historia geral da simbologia e do seu rol no desenvolvimento das ideias e da humanidade, mas, ainda assim, nom é difícil de compreender que o seu rol é fundamental. Nom esqueçamos que um dos primeiros actos dos colonizadores consiste em impor o seu simbolismo aos povos colonizados e, ao contrário, o primeiro acto dos povos descolonizados consiste em destruir o simbolismo dos colonizadores e em substituí-lo polo próprio.

Desfazer-nos do simbolismo gráfico espanhol é, pois, um acto mais importante do que muitos crêm: é o primeiro passo e o mais importante da nossa descolonização lingüístico-cultural.

3) Os níveis de representação.

Ademais dos diferentes níveis de abstracção de que já falamos antes, as línguas apresentam outros mais, entre eles o nível *fonético*, o nível *fonemático* e o nível *morfemático*. Cada um deles corresponde a um grau de abstracção diferente, e os unificadores terám que escolher qual destes três níveis vam representar graficamente.

a) O nível fonético: é o que mais perto está da 'realidade aparente' ou 'superficial' e corresponde à variedade de sons de umha língua, que pode atingir um número mui elevado.

Até agora nengum sistema gráfico conseguiu representar adequadamente este nível, cujas variantes som mui superiores em número aos símbolos correntes dos alfabetos gráficos. A complicação do sistema correspondente nom é difícil de imaginar. No entanto, nem faltárom no passado nem faltam [46] no presente defensores dum tal sistema gráfico que reclamam em nome da 'realidade'.

b) O nível fonemático: depois do descobrimento do fonema, puxo-se de moda a ortografia fonemática –e eu pessoalmente defendim-na para o galego alguns anos atrás– que consiste em representar as unidades funcionais da língua (fonemas). Este nível, mais abstracto que o anterior, presta-se melhor para umha representação gráfica, mas tamém provoca problemas graves porque:

1) A representación fonemática dunha palabra por separado non corresponde sempre á representación desta mesma palabra na oración. Por exemplo: a preposición *a* contrai-se con outras vogais dando lugar a numerosas variantes fonemáticas /a, e, o, aw/, etc. Ora, estas variantes fonemáticas podem-se deduzir por meio de regras, polo que a súa representación gráfica resulta redundante ademais de complicar enormemente o sistema gráfico;

2) A representación fonemática é inadecuada para expresar certas relacións fonolóxicas e morfolóxicas importantes (por exemplo as relacións entre /g/ e /š/ (graf. act. *x*) en belga e Bélxica).

A grafía fonemática adoece do mesmo mal que a teoría lingüística em que está baseada, o estruturalismo, que concebía os sistemas como algo estático, como unha moreia de elementos sen regras nem principios que os governe. Do mesmo xeito a grafía fonemática parte do presuposto que a única realidade fonolóxica está constituída polo conxunto de fonemas de cada lingua.

Os defensores do isolacionismo, apesar de non apoiarem-se en ningunha concepción científica concreta, parecen aludir a este nivel para justificar o carácter «realista» do seu 'sistema gráfico'.

c) O nivel morfolóxico.

O movemento científico que desde o século XVIII anda a revolucionar as ciencias máis diversas (filosofía, ciencias naturais, ciencias sociais, etc.) inaugurou-se en lingüística con a chegada da teoría generativa transformacional. Esta teoría caracteriza-se polo seu dinamismo, en oposición ao estatismo do estruturalismo, com o que pretende reflectir o aspecto creativo da linguaxe.

Foi precisamente esta teoría que puxo de manifesto a pertinencia do nivel morfolóxico para a descrición fonolóxica. O argumento formulado por esta teoría para apoiar esta hipótese é moi coherente e conforme com todas as ciencias modernas: o dicionário dunha lingua somente representa os traços idiosincráticos de cada elemento (palavra). Chamemos ao conxunto destes traços o nivel morfolóxico (por coincidir com o nivel profundo de certas alternancias morfolóxicas). Por outro lado a Gramática possui um conxunto de regras, neste caso fonolóxicas, que projectam o nivel morfolóxico no nivel fonemático e este no nivel fonético. [47]

Como as regras da Gramática fan parte dos coñecimentos que os falantes possuem da súa lingua, estas non tem porque serem representadas no dicionário. Do mesmo xeito, os niveis fonemático e fonético som derivados por meio destas regras a partir do nivel morfolóxico e tampouco tem porque serem representados

no dicionário. Por exemplo: é inútil representar no dicionário do galego as palavras belga e Bélgica como [belga] e [béłšika] quando os galegos possuímos umha regra que di que [g] se volve [š] seguida de umha vogal palatal. Chega pois com representar as duas palavras do mesmo jeito, ou seja como /belg+a/ e (belg+ika/ (como se sabe, trata-se nas duas palavras do mesmo morfema +belg+).

Nom é difícil de compreender agora o interesse desta teoria fonológica para umha representação gráfica, já que em realidade se trata dum mesmo sistema de representação cujos símbolos som ligeiramente diferentes. Neste caso concreto trata-se de representar graficamente o nível morfemático unicamente (ex.: *belga*, *Bélgica*), já que os outros níveis, o fonemático (actualmente representado graficamente por *g* e *x* neste caso concreto = *belga*, *Bélxica*) e o fonético podem ser derivados polas regras fonológicas, e a sua presença gráfica é completamente redundante.

É ademais mui curioso observar que este sistema de representação gráfica vem coincidir com o que normalmente se chama ortografia etimológica, o que confirma, mais umha vez, que o home começou a andar antes de conhecer as leis do movimento, a falar antes de conhecer explicitamente as regras da gramática e a escrever antes de conhecer explicitamente as leis que regem os sistemas de representação gráfica. Neste sentido, as falsas teorias precedentes que se apoiavam nos níveis de representação fonético e fonemático, assim como os sistemas gráficos correspondentes, defendidos todos em nome do 'realismo' (que neste caso é sinónimo de redundância), representam um passo atrás com relação às primeiras representações gráficas.

As vantagens dum sistema gráfico baseado no nível morfemático nom se limitam às acima enumeradas. Outras vantagens som:

1) poder representar as palavras uniformemente e sistematicamente baixo a mesma forma, mesmo quando adoptam formas diferentes segundo o contexto em que se atopam na oração; assim, representar a palavra *ao* como *ó* ou *ò* ou representar as formas *para o* ou *pra o* como *pró* já nom somente é umha redundância enorme (como se os galegos nom soubéssemos que dadas as palavras *a + o* devemos pronunciar [o]) mas também umha deformação lingüística da nossa língua.

2) poder representar várias variantes de umha mesma língua parcialmente autónomas do ponto de vista da fala (por exemplo, o flamengo e o holandês com relação ao neerlandês; o galego, o português, o brasileiro, etc. com relação ao galego-português; o espanhol castelhano e o espanhol americano com relação ao espanhol, etc.) por meio dum sistema gráfico único.

Aqui temos que retornar ao começo do artigo para precisar certos conceitos ali esboçados. Trata-se da distinção entre estruturas gerais e estrutu-[48]ras particulares, na que baseamos a definição de *língua* e *variantes dialectais*, distinção mais bem vaga que agora podemos precisar no que respeita à fonologia e à grafia. Com efeito, agora podemos definir com mais precisão o conceito de língua por meio do nível morfemático, dizendo que várias variantes pertencem a uma mesma língua, do ponto de vista fonológico, quando estas variantes compartilham a mesma representação morfemática. Pelo demais, as regras fonológicas que projectam o nível morfemático no nível fonemático e fonético, assim como estes dois últimos níveis, podem ser mais ou menos diferentes para cada variante.

Este é o caso das diferentes variantes oralmente autónomas de galego-português: todas compartilham a mesma representação morfemática do ponto de vista fonológico e se queremos ser coerentes temos que respeitar esta mesma representação graficamente. Pouco importa que cada variante em particular tenha níveis fonemáticos e fonéticos diferentes das outras variantes; as regras próprias a cada uma delas permitem-lhes passar sistematicamente do nível morfemático ao nível fonemático e fonético, e estas regras e estes níveis não têm porque figurar no sistema ortográfico.

Não é, pois, uma coincidência que a ortografia reintegracionista, que é fundamentalmente etimológica, seja perfeitamente conforme com os critérios científicos básicos de todo sistema de comunicação: o feito de representar o nível morfemático que é comum a todas as variantes do galego-português assegura-lhe sistematicamente a sua coerência científica.

O problema que a ortografia reintegracionista apresenta para certas pessoas é, em realidade, um falso problema, de julgarmos por certas manifestações a este respeito. Estas pessoas não compreendem que se possa representar com o mesmo símbolo a palavra *belga* e a palavra *Bélgica* quando os dois símbolos se pronunciam diferentemente. Tampouco compreendem que esta última palavra se possa representar igual em galego e em português quando em galego pronunciamos [š] e em português pronunciam [ž]. Estas mesmas pessoas também pensam que representar o [š] de *Bélgica* com *x* é mais realista que representá-lo com [g]. Mas eu pergunto-lhes: é mais realista a representação: $2 + 2, 3 + 2, 4 + 6$, etc., ou a representação: $2 + 2 = 4, 3 + 2 = 5, 4 + 6 = 10$, etc. ? Se as pessoas sabem somar, vão responder que tão realista é a primeira como a segunda e ademais reconhecerão a redundância da segunda com relação à primeira. Pois bem, os que falam uma língua conhecem implicitamente as suas regras, que lhes permitem realizar todo tipo de operações sem que seja necessário representar-lhes cada vez o resultado da operação.

CONCLUSOM

Nas páginas que precedem examinamos alguns argumentos em favor do reintegracionismo. Estes argumentos som de dous tipos: sociolingüísticos e lingüísticos.

Com os *argumentos sociolingüísticos* pretendemos chamar a atençom sobre o perigo que ameaça ao galego em situaçom de isolamento (que na rea-[49]lidade significa umha situaçom de dependência total do espanhol). Os que nom querem crer neste perigo poderám consultar as estatísticas da evoluçom lingüística de línguas que se acham em situaçoms semelhantes à actual do galego (transmissom cultural escrita e audiovisual) nos últimos 50 anos: bretom, frisom, galês, etc.

Pretendemos tamém demostrar a vantagem do galego de ter vários irmaos gémeos que pudérom continuar a tradiçom lingüística e cultural interrompida em Galiza por razoms políticas que todos conhecemos, assim como a ocasiom extraordinária que se lhe apresenta neste momento de poder voltar ao rego primitivo por meio da reintegraçom, assegurando assim o seu futuro. Tamém aqui hai precedentes, e esquecer-los será um erro histórico do que nos daremos conta dentro de 15 ou 20 anos quando já será tarde para corrigi-lo. Quem lhes dera aos bascos e aos cataláns ter esta mesma oportunidade! Eles sim a teriam aproveitado! Confiemos pois que esta vez os galegos aproveitemos a nossa inteligência, da que demos provas suficientes ao longo da história, para defendermos os nossos próprios interesses e nom os interesses alheios (cousa que tamém fixemos, *hélas!* com freqüência).

Finalmente, pretendemos demonstrar a influencia negativa que exerce a norma lingüística espanhola sobre a estrutura lingüística do galego, influencia que irá cada vez mais em aumento segundo Galiza passa dumha tradiçom cultural oral a umha tradiçom cultural escrita e audiovisual. E que o único meio eficaz para lutar contra esta influencia da norma espanhola é a reintegraçom no nosso mundo lingüístico-cultural próprio.

Com os *argumentos lingüísticos* pretendemos demonstrar a superioridade do sistema de representaçom reintegracionista, que se baseia na representaçom etimológica, com relaçom a outros sistemas propostos, que ademais de empregar o simbolismo espanhol, alheio à tradiçom e evoluçom lingüística do galego, pecam por excesso de redundância e dam a impressom dumha representaçom dialectal, típica dum dialecto que passa por primeira vez à escritura.

Demonstramos tamém que nom hai nengumha incompatibilidade entre a representaçom reintegracionista, que é comum a todas as familias lingüísticas do galego-português, e a autonomia oral de cada um destes grupos lingüísticos (o galego, o português, o brasileiro, etc.).

Quixera agora adir, para rematar este curto ensaio, umhas palavras sobre a intençom que me moveu a escrevê-lo. Esta nom é de nengum modo a de atacar, fundir ou ridiculizar o isolacionismo nas suas diferentes variantes. Mal poderia fazê-lo sem atacar, fundir e ridiculizar umha posiçom que eu mesmo defendim até hai pouco e na que crim sinceramente. Nom, tenho muito respeito aos isolacionistas (refiro-me aos de boa fé), e sei por experiênciam que nom é fácil dar o passo ao reintegracionismo (ou como queira chamar-se-lhe): o ambiente é desfavorável, a confusom é grande e o trabalho, no começo, nom é miúdo. Mas o futuro do galego merece qualquer esforço e estou seguro que poucos galegos lho vam negar. [50]

A paginaçom original da revista sinala-se [entre colchetes].